



## ESPAÇOS E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ALDEIA – GAROPABA –SC.

*Mauricélia Teixeira de Albuquerque\**

### **Resumo**

Este artigo lança mão das memórias de moradores da Comunidade de Remanescentes de Quilombo da Aldeia, localizada no sul do município de Garopaba – SC, no bairro Campo D’Una, procurando, através das narrativas, delinear os acontecimentos que possibilitaram a formação do grupo. Desta forma, a metodologia da História Oral é o aporte teórico que dá sustentação ao estudo. Vale lembrar que estudos referentes à problemática afro-brasileira encontram lugar de destaque na contemporaneidade, pois africanos e afrodescendentes fizeram-se presentes em diferentes espaços com seus costumes, sua religiosidade e seu trabalho, desempenhando, desde os primeiros momentos da colonização, papel fundamental na formação étnica e cultural brasileira.

**Palavras-chave:** História Oral - Memória – Identidade/Identificação – Comunidade Quilombola.

### SOCIABILITIES PRACTICES AND SPACES AT THE MAROON COMMUNITY OF ALDEIA – GAROPABA - SC

### **Abstract**

This article uses the memories of residents of Maroon Community of Aldeia, located in the southern city of Garopaba – SC, in the neighborhood Campo D’Una, seeking, through the narratives, to present the events that allowed the group formation. Thus, the methodology of Oral History is the theoretical basis that supports the study. It is important to remember that studies about the afro-Brazilian issues find a prominent place in contemporary, because Africans and African descendants made themselves presents in different spaces with their customs, religiosity and work, performing, since the first moments of colonization, a crucial role in the ethnic and cultural Brazilian formation.

**Keywords:** Oral History, Memory, Identity, Identification, Maroon Community.

### ESPACES ET PRATIQUES DE LA COMMUNAUTÉ MARRONNE DE ALDEIA-GAROPABA-SC

### **Résumé**

Cet article lance main des mémoires des résidents de la Communauté des Restes de Marronnes Aldeia, situé dans au sud de la ville de Garopaba - SC, quartier Campo D’Una, en recherchant, à

---

\*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, sob orientação do prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso.

travers les narratives, délimiter les événements qui ont permis la formation du groupe. De cette forme, la méthodologie de l'histoire orale est la base théorique qui donne sustentation à l'étude. N'oubliez pas que les études sur la problématique Afro-Brésilienne rencontraient lieu spéciale à l'époque contemporaine, parce que les Africains et les descendants d'Africains s'étaient présents dans différents espaces avec leurs coutumes, leur religion et leur travail, en agissant, depuis les premiers moments de la colonisation, le rôle fondamentale dans la formation ethnique et culturelle brésilienne.

**Mots-clés:** Histoire orale - Mémoire - Identité / Identification - Communauté Marronne.

## ESPACIOS Y PRÁCTICAS DE SOCIABILIDAD DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE LA ALDEA- GAROPABA-SC

### Resumen

Este artículo lanza mano de las aldeas de vivientes de la Comunidad de Remanescentes de Quilombo de la Aldea, localizada al sur del municipio de Garopaba-SC, en el Barrio Campo D'uma, procurando, por medio de las narratives, delinear los acontecimientos que posibilitaron la formación del grupo. De esta manera, la metodología de la História Oral es el aporte teórico que da sustentación al estudio. Vale acordar que los estudios referentes a la problemática afro-brasileña encuentran espacio de destaque en la contemporaneidad, pues africanos y afrodescendientes se hicieron presentes en diferentes espacios con sus costumbres, su religiosidad y su trabajo, desempeñando, desde los primeros momentos de la colonización, rol fundamental en la formación étnica y cultural brasileña.

Palabra clave: História oral-Memória-Identidad/Identificación-Comunidad Quilombola.

**Palabras-clave:** História oral; Memória; Identidad/Identificación; Comunidad Quilombola.

O presente artigo tem como finalidade mapear os espaços de sociabilidades da Comunidade Quilombola da Aldeia, no município de Garopaba. A comunidade caracteriza-se como Quilombo contemporâneo, sendo que sua constituição está caracterizada pela comum herança com o passado escravista e por formas culturalmente específicas como a coletividade e o compadrio. Essas características são visíveis pelas vivências e por experiências de organização social diretamente relacionada ao direito a terra, por formas de consanguinidade e parentesco.

Não poderíamos iniciar tal discussão sem deixar bastante clara a trajetória do conceito de Quilombo e suas transformações. Assim, como ponto de partida, sentiu-se necessidade de entendermos acerca da construção histórica dos Quilombos, pois no decorrer da história do Brasil ocorreram várias análises e interpretações referentes ao conceito de Quilombo.

No século XVI, o conceito de Quilombo foi inicialmente, identificado, pelos cronistas e autoridades como algo ‘danoso’ à sociedade. O conceito de Quilombo abarca diferentes tempos e espaços na historiografia brasileira. No decorrer do período colonial e imperial esteve associado à resistência e a fuga na intenção de enfraquecer ou, até mesmo, extinguir o regime escravista. Já na segunda década do século XX, o termo Quilombo foi rebuscado por estudiosos principalmente marxistas ou simpatizantes ao marxismo, como expressão singular da luta de classes. Entretanto, a partir de 1988, após a promulgação da Constituição, o conceito de Quilombo foi reinterpretado, adquirindo nova significação.

A definição histórica da categoria Quilombo é vista ainda muitas vezes estereotipada, no senso comum, calcada na ideia de fuga ou negros fugitivos. Atualmente diversos discursos e debates políticos foram produzidos acerca desses conceitos estereotipados.

Iniciou um largo processo de recuperação e reenquadramento da memória até então recalçadas, e a revelação de laços históricos entre comunidades contemporâneas e grupos de escravos que, de diferentes formas e em diferentes momentos, teriam conseguido impor sua liberdade à ordem escravista<sup>1</sup>.

Através desses processos de ‘reenquadramento’ da memória e os debates em questão, o conceito de Quilombo passou a abranger realidades de grupos cada vez mais distintos. As áreas territoriais dos grupos Remanescentes de Quilombo foram ocupadas de diversas maneiras e em ocasiões e contextos bastante diferentes. Muitos dos escravos livres e seus descendentes as ocuparam não necessariamente porque para lá fugiram, mas, sim, porque foram áreas de terras conquistadas, ofertadas, compradas ou adquiridas de diferentes maneiras. Enfim, revelando a pluralidade nos modos de obtenção e ocupação das terras dos grupos que possuem em comum herança com o passado escravista. Quilombo é, então, definido como sendo “uma experiência coletiva, não só dos africanos, mas de seus descendentes, somados as tantas experiência trocadas em seu interior pelos diferentes sujeitos [...]”<sup>2</sup>.

Nessa nova perspectiva, o termo Quilombo, também defendido em legislação, excede a história baseada na fuga dos escravos. Fundamentada numa perspectiva

---

<sup>1</sup>ARRUTI, José Maurício. *Mocambo: antropologia e história do processo de formação Quilombola*. Bauru: Edusc, 2006, p.28.

<sup>2</sup>MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2 ed. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004, p. 72.

contemporânea, dentro de uma visão mais ampliada, o conceito de Quilombo gira em torno de novos desafios, a luta pela posse definitiva da terra e a preservação da cultura que reúne um verdadeiro universo de tradições. Assim, o conceito de Quilombo adquiriu novas interpretações:

O Quilombo passa, a significar, um tipo particular de experiência, cujo alvo recai sobre a valorização das inúmeras formas de recuperação da identidade positiva, a busca por tornar-se um cidadão de direitos, não apenas de deveres. Enquanto uma forma de organização, o Quilombo viabiliza novas políticas e estratégias de reconhecimento<sup>3</sup>.

Analisando a interpretação da autora, percebe-se que a história do Quilombo no Brasil foi e é uma história de luta e de resistência, semelhante a das Comunidades Quilombolas atuais, que lutam pelo direito a terra, cidadania e respeito. Portanto, as novas interpretações acerca dos Quilombos significariam para a sociedade brasileira, “sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente apenas um passado a ser lembrado”<sup>4</sup>.

Conhecer os Quilombos e as Comunidades Quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção. Acerca das considerações referentes ao conceito de Quilombo, pode-se afirmar que este tem passado atualmente por vários questionamentos, diferindo da ideia de fuga e de rebeldia que muitos estudiosos conheciam ou referendavam.

A discussão sobre os Quilombos contemporâneos foi trazida à tona pelo movimento negro, principalmente nos anos de 1970, como parte do contexto da luta contra o preconceito racial. Essa grande batalha se deve ao aprendizado intelectual de vários autores como Lélia Gonzalez Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Kabengele Munanga, dentre outros. Um dos objetivos dessa luta foi enfatizar os Quilombos como ícones da resistência negra. Nesse sentido Abdias do Nascimento afirma que “Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão espiritual”<sup>5</sup>. Seguindo o pensamento de Abdias, os Quilombos são locais de liberdade e de modernização dos laços étnicos e ancestrais, constitui a única via segura para modificar

<sup>3</sup>LEITE, Ilka Boaventura. *Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas*. Textos e Debates, Florianópolis: NUER/UFSC, n. 7. 2000, p. 19.

<sup>4</sup>LEITE, 2000, p. 6.

<sup>5</sup>NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor Editor, 2002, p. 272.

o discurso e conduzir a uma nova consciência em relação à cultura e identidade africana.

Para garantir direitos a estas comunidades é importante entender o contexto histórico onde se originou cada experiência. E para entendermos os sentidos e como eram reelaboradas as práticas cotidianas e a noção de ‘experiência’ é importante nos reportarmos a E. P. Thompson. Dessa forma, compreendemos os grupos Remanescentes de Quilombo em seu caráter social apontado pela historiografia, percebemos os sujeitos nas suas multiplicidades de experiências e vivências “experimentando suas próprias experiências, na cultura como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas”<sup>6</sup>. Ou seja, práticas cotidianas que possibilitem a garantia de direitos a estas comunidades valorizando cada experiência vivenciada.

É importante destacar que os membros e lideranças da Comunidade Quilombola de Aldeia, atualmente veem rompendo com a história tradicional centrada nos ‘antigos discursos políticos’ que lhes determinavam as regras e os caminhos que tinham que trilhar. Na última década alguns diálogos foram estabelecidos nessas comunidades com o objetivo de sensibilizar os moradores da importância da auto identificação e auto reconhecimento da identidade como Comunidade Quilombola e principalmente de seus direitos. A partir dessas reflexões passaram a pensar sobre os diferentes usos da memória e da história na mobilização pelo direito a terra e pelo reconhecimento como remanescente de Quilombo perante as agências federais vinculadas a essa temática.

Esse estudo busca ainda, e mais especificamente, compreender a formação espacial e as práticas de sociabilidade da Comunidade Quilombola de Aldeia, em Garopaba. E para que o presente trabalho tenha respaldo acadêmico e possa contribuir com a construção histórica do grupo é necessário à colaboração dos moradores e vizinhos da Comunidade Quilombola, pois se sabe que uma das principais ferramentas do conhecimento está nos depoimentos e nas memórias desses moradores. Ainda com relação à memória, concordamos que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.<sup>7</sup> Ainda referente à memória, salientamos que “por muito que

<sup>6</sup> THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 182 – 189.

<sup>7</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro. Vol. 5 n. 10. P. 200 – 212. 1992, p. 200.

deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado a quem tem acesso pode reter objetos que são, para ele, significativos dentro de um tesouro comum”<sup>8</sup>.

Em se tratando de vivências Quilombolas, o diálogo entre as fontes passa a contemplar experiências e pontos de vista distintos, contraditórios, ambíguos, que tendem a se completar mutuamente, pois argumentam coletivamente diante de uma problemática comum - a luta pela afirmação de uma identidade. Minha intenção não é tentar a tarefa impossível de estabelecer a ‘verdade dos fatos’, mas sim mostrar o que se pode registrar e analisar a partir do lugar que o sujeito se situa como agente histórico e como historiador.

Com o intuito de conhecer as vivências dos moradores da Comunidade Quilombola da Aldeia, a história oral é um procedimento, um caminho ou um fio condutor das tramas da memória, das experiências de vida em um espaço no qual a oralidade predomina. “A história Oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado”<sup>9</sup>. Nesse sentido os testemunhos e os relatos orais tornaram-se as fontes principais a serem trabalhadas. Nessa perspectiva, a categoria memória constitui-se como elemento de significativa importância para a reconstituição do processo histórico desses remanescentes; “é o sujeito que lembra”<sup>10</sup>.

A memória é algo que se diferencia do presente, mas que, ao mesmo tempo, o compõe. Assim como a memória, também o passado é entendido dentro do pensamento ocidental como um âmbito temporal distinto do presente. A memória é um dos caminhos para o conhecimento do passado. Nesse sentido, o maior desafio da história oral, tomando como empréstimo a interpretação de Walter Benjamin sobre a memória, é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas.

Ressalta-se que a memória tem várias funções: toda nossa consciência do passado está fundada na memória; através das lembranças recuperamos acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado. “A memória, portanto, traduz registro de espaços, tempos, experiências, imagem, e

<sup>8</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 11 ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 411.

<sup>9</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 52.

<sup>10</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 80.

representações”<sup>11</sup>. Ou seja, o passado muitas vezes nos ajuda entender o contexto vivido, como também nos ajuda a construir um futuro mais significativo.

Nesse viés, a categoria identidade/Identificação vem complementar e até mesmo de forma intrínseca, estabelecer os contornos das particularidades pertinentes da Comunidade Quilombola em questão: Aldeia. A construção identitária desse grupo não está naturalmente dada, ela é construída por meio de escolhas e confrontos. Nesse sentido, pensamos que “existe uma ‘crise de identidade’ abalando as estruturas do homem pós-moderno”. As fronteiras bem definidas do homem da sociedade moderna o localizavam e o definiam no ‘mundo social e cultural’, premissa que fora abalada na modernidade tardia com o descentramento das identidades modernas<sup>12</sup>.

Assim, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.<sup>13</sup> Entende-se então que as tradições e os valores são reinventados pelas novas gerações que são mais susceptíveis, dos meios informacionais e pelas políticas implantadas pelos órgãos institucionais. O autor ainda ressalta que na pós-modernidade o que se pode chamar de identidade fixa é aquela que consolidava o homem moderno, não se ampara devido às próprias modificações históricas de ordens ‘estruturais e institucionais’.

Sendo assim, a identificação seria o processo pelo qual projetamos nossas identidades, identidade que torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Ou seja, as velhas identidades estão em declínio e as novas identidades permitindo as múltiplas fragmentações. Possibilitando aos sujeitos pós-modernos, a não terem uma identidade fixa, essencial ou permanente, ou seja, há uma crise de identidade, pois “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”<sup>14</sup>.

Os estudos sobre processo de identidade cultural enaltecem as reflexões sobre as experiências vivenciadas pelo grupo em estudo. Ou seja, ressaltam os múltiplos fios das culturas e tradições estabelecidas e vivenciadas por eles, na perspectiva da teoria de uma

<sup>11</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 61.

<sup>12</sup> HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 2.

<sup>13</sup> HALL, 2006, p. 13.

<sup>14</sup> HALL, 2006, p. 12-13.

identidade híbrida. “O sujeito previamente vivido dentro de uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas”<sup>15</sup>.

Sabe-se que as hibridações podem ocorrer de formas variadas, vejamos uma delas:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico.<sup>16</sup>

Além disso, no caso específico dos Quilombos, existem lutas identitária, pois existem as disputas internas, as versões acerca do ‘mito de fundação’ a serem aceitas por todos, enfim, uma gama bastante complexa de olhares e opiniões que se engendram pra construir a face identitária do grupo.

Nesse sentido, é importante destacar certas considerações acerca do momento histórico que vivemos: [...] “encontramo-nos no momento em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”<sup>17</sup>. Tendo em vista o pensamento de Homi K. Bhabha, sobre a complexidade do processo histórico identitário em que vivemos, compreendemos que os movimentos de identidade cultural enfrentam a superação das referências nacionais ou raciais, os seus essencialismos em favor de culturas locais, culturas de grupos, culturas de gênero, culturas de movimentos e tantas outras culturas.

Ressaltamos, portanto, a importância que vários grupos e partidos políticos tiveram colocando em cena, dando visibilidade a novas configurações de auto representação cultural. Ou seja, processos de identidade e diferença são mutuamente dependentes. Todo grupo social específico ao se posicionar socialmente como sujeito de uma determinada tradição cultural, reinventa ou assume uma nova identidade. Sendo assim, viver uma identidade abrange construí-la também.

No entanto, as tradições também podem ser inventadas e ou se transformarem ao longo do tempo. A tradição inventada tenta, sempre que possível, estabelecer

<sup>15</sup> HALL, 2006, p. 12.

<sup>16</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 22.

<sup>17</sup> BHABHA, Homi k. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998, p. 19.

continuidade com um passado histórico apropriado. Ou seja, pode ser entendida como um conjunto de práticas reguladas por regras de natureza ritual ou simbólica, aceitas pelo grupo, que visam sugerir certos valores e normas de comportamentos a partir da repetição, implicando uma continuidade em relação ao passado. Na medida em que as práticas passam a ser um hábito, a partir da repetição, resgata-se um passado histórico ao quais tais práticas fazem referência ao grupo.

Assim, as culturas não correspondem a fronteiras espaciais ou temporais. Não estabelecem obstáculos de nação ou de raça. Tampouco reproduzem valores essenciais de antigas tradições como um princípio histórico. As tradições, as culturas são escancaradas ao diálogo e às trocas. A dinâmica das identidades e formações culturais é totalmente livre e não seguem um fio condutor pronto que orienta sua trajetória cultural. Ou seja, as práticas culturais trocam, intercambiam-se, conflitam-se, metamorfoseiam-se permanentemente. Nesse sentido entendemos as reinvenções culturais e identitárias dos grupos sociais, principalmente da Comunidade Quilombola em estudo.

As primeiras informações sobre a formação da Comunidade Quilombola da Aldeia foram fornecidas através de uma entrevista com o Professor e líder da comunidade Manoel Matias Pereira, nessa entrevista ele relata que a formação do grupo da Aldeia está ligada a ancestralidade de sua avó – Cilóca, falecida em 2010, considerada pelo grupo como a matriarca da comunidade. Em seu lugar ficou sua irmã – Adelaide, que aos 82 anos é a pessoa mais respeitada por parentes e vizinhos. De acordo com as informações que obtivemos e pelo que se pode inferir, a formação da Comunidade da Aldeia é marcada pela importância da presença de uma representante mais velha, intitulada matriarca.

Parte-se da premissa que é a partir da representatividade da figura de uma matriarca que a comunidade busca suas ‘origens’. Entende-se que a memória é algo que se diferencia do presente, mas que, ao mesmo tempo, o compõe. Assim como a memória, também o passado é entendido dentro do pensamento ocidental como âmbito temporal distinto do presente. Nesse sentido, enfatiza-se que a memória é “Essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar [...]”<sup>18</sup>, ou seja, a memória é um dos caminhos para o conhecimento do

---

<sup>18</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 2, n. 3, p. 3-15, 1989, p. 9.



passado, sobretudo através das fontes orais, pois essa é uma das possibilidades de narrativa da História do Tempo Presente.

Tomando a questão da ‘formação do território’ da Comunidade da Aldeia buscamos através da memória e das lembranças do Senhor Fortunato Pereira (66 anos), morador local, as relações de parentesco que definem a constituição do grupo. Em seu relato, Nato, como é conhecido, deixa claro que foram seus ancestrais que deram início à comunidade:

A formação da Aldeia está muito próxima de mim, sou filho de Dona Cilóca, meus avós chamavam-se Celecina Maria Eva e Antônio Joana, e eles tiveram sete filhos chamados: Celecina (Cilóca), Adelaide, Manoel Antônio, Dorinha, Basilícia, Pedro e Eraci. Dos sete filhos somente a Cilóca, a Adelaide e o Manoel Antônio permaneceram morando aqui na comunidade. Daí pra frente foram se juntando outros das redondezas.<sup>19</sup>

Outra informação preciosa em relação ao começo da Comunidade Quilombola da Aldeia foi fornecida pelo Senhor Antônio Manoel Lemos, 70 anos, falecido em 2011:

Os primeiros moradores da comunidade de Campo D’ Una (Aldeia) foram: Tia Joana Homem, nativa da África; Antônio Joana, filho da Tia Joana; Sra. Eva, nativa da África, avó de Antônio Joana; Martinha, escrava de Chico Pereira e filha de Tia Joana; Tia Lúcia, nativa da África. Marteliana Pereira e Timóteo Crispin eram moradores do Morro do Fortunato. Timóteo casou-se com Vó Martinha e foi morar na Aldeia. Posteriormente a estas famílias, ainda integraram a comunidade da Aldeia, Rita Martinha de Jesus, Antônio Rita Martinha de Jesus, Boaventura Lemos, Maria Rita Martinha de Jesus e Manoel Boaventura Lemos, que era filho de escravo<sup>20</sup>.

Na memória do Sr. Antônio Manoel Lemos, era viva a lembrança da procedência dos moradores da comunidade da Aldeia, lugar no qual morava. A procedência estava intrinsecamente ligada à África, ou seja, que os primeiros membros da comunidade a chegar eram nativos da África. Através da história oral buscou-se lembranças vividas, atualizando-as e historicizando-as, com a intenção da produção de uma narrativa histórica que contribua para evitar o esquecimento e registrar múltiplas visões sobre o passado desse grupo. Através dessas lembranças podemos inferir certos aspectos da procedência da Comunidade Quilombola da Aldeia, no entanto deve-se ter

---

<sup>19</sup> Entrevista realizada na residência do Sr. Fortunato Pereira, na Comunidade de Aldeia – Campo D’Una – Garopaba - SC, 25/08/2012.

<sup>20</sup> Entrevista realizada em 25/05/2006 na residência do entrevistado na Comunidade de Aldeia – Campo D’Una, na realização de minha monografia de graduação em História.

bem clara a advertência: “[...] a história oral é um entre os muitos procedimentos metodológicos de construção do conhecimento histórico”<sup>21</sup>.

Sabendo da importância da memória e entendendo-a como elo construtor das identidades, acreditamos que a genealogia construída pela Comunidade Quilombola da Aldeia demonstra que seus moradores descendem direta ou indiretamente de Senhora Celecina Maria Eva e do Senhor Antônio Joana - casal apontado por todos, como o mais antigo da comunidade presente na memória dos moradores. “Memória são as vozes do passado atualizadas no presente que presenteiam o futuro com a fonte essencial da vida”<sup>22</sup>. No entanto, outras versões podem ter sido sufocadas por esta, pois as narrativas, muitas vezes, evidenciam disputas pela construção de uma identidade<sup>23</sup>.

Em entrevista com o Senhor Laudelino Antônio Teixeira, morador da comunidade Limpa e nativo da região, pode-se corroborar as informações do Senhor Antonio Manoel Lemos sobre a genealogia da origem do casal Celecina Maria Eva e Antônio Joana, possíveis ‘fundadores’ da Aldeia, pois ao narrar a construção de uma estiva ligando as comunidades de Araçatuba e Penha apontou para a existência de uma negra chamada Joana Homem, que seria a mãe de Antônio Joana.

Fizeram uma estiva lá na Penha, uma estiva é uma estrada, mas não é uma estrada dessas que tem agora, é uma estrada no banhado estivado de madeira como uma ponte no rio para atravessar. O nome da estiva era estiva da Joana Homem. Essa Joana homem era mãe do Antônio Joana.<sup>24</sup>

Sabe-se que em meados do século XIX havia em Garopaba uma armação baleeira e que muitos africanos foram trazidos para trabalhar nas baleeiras. Com o passar do tempo muitas dessas pessoas se dispersaram nos arredores de Garopaba, buscando outras maneiras de sobrevivência. Porém, o Senhor Laudelino Antônio Teixeira apresenta outra versão em relação à vinda dos negros para Garopaba:

Aqui em Garopaba falam que os pretos vieram para trabalhar no barracão da baleia, mas não foram somente esses pretos que chegaram aqui em Garopaba. Meus pais contavam que muitos pretos vieram pra cá assim: cada homem que vinha se aventurar em busca de terras já trazia uma quantia de escravos. Difícil

---

<sup>21</sup>PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 13-47, 1997, p. 16.

<sup>22</sup>DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 2006, p. 46.

<sup>23</sup>RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. 3 volume. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2010.

<sup>24</sup> Entrevista realizada na residência do Senhor Laudelino Antonio Teixeira, à Rua Geral do Ouvidor, Limpa, Garopaba/SC, em 24/08/2012.



àquele que vinha para trabalhar sozinho, ele já vinha organizado não sei se tinha o pessoal do rei organizando isso. O pai me contou daqueles Teixeiras que vieram de Laguna para Ibiraquera e já trouxeram escravos. Da Laguna já deram pra eles uma quantia de terra na Ibiraquera –as sesmarias e ele já traziam o documento com aquela quantia certa de terra<sup>25</sup>.

Assim, pode-se inferir que muitos homens que se aventuravam nessa região vinham de outros lugares acompanhados dos escravos para trabalhar nas terras que lhes eram dadas pelo sesmeiro. Segundo o Senhor Laudelino Antônio, “Após a abolição da escravatura, esses pretos foram libertos e sem alternativa de vida se apropriava das terras devolutas que eram chamadas de ‘campos’, existentes naquele tempo, principalmente na Limpa, bairro do Campo D’Una em Garopaba até o Araçatuba, bairro de Imbituba”<sup>26</sup>.

Com a abolição da escravatura, e até mesmo antes, os africanos livres foram se organizando, construindo suas moradias e plantações nessas terras devolutas, ou seja, nos campos da Limpa, Campo D’ Una e Araçatuba, todos localizados no entorno da Aldeia e as margens da Lagoa de Ibiraquera (Figura 01). Ainda hoje a história de como a comunidade foi ‘fundada’ é um dos elementos unificadores do grupo. “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe numa sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade”<sup>27</sup>.

Tal situação não se trata de nenhuma novidade pós-moderna, pois “a população negra, nas décadas que precedem a assinatura da Lei Áurea, dá mostras de um engajamento cada vez maior na luta por uma libertação coletiva e na construção efetiva de uma consciência negra”<sup>28</sup>. Essa construção identitária coletiva é visível na formação da Comunidade da Aldeia, pois, mesmo desprovidos de recursos financeiros e em meio à luta contra a ordem vigente, conseguiram formar uma comunidade forte, resistindo à opressão e deram continuidade às experiências históricas dos seus ancestrais.

---

<sup>25</sup> Entrevista realizada na residência do Senhor Laudelino Antonio Teixeira, à Rua Geral do Ouvidor, Limpa, Garopaba/SC, em 24/08/2012.

<sup>26</sup> Entrevista realizada na residência do Senhor Laudelino Antônio Teixeira, à Rua Geral do Ouvidor, Limpa, Garopaba/SC, em 24/08/2012.

<sup>27</sup> POLLAK, 1989, p. 9.

<sup>28</sup> BARROS, José D’ Assunção. *A construção social da cor: Diferenças e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, 2009, p. 183.

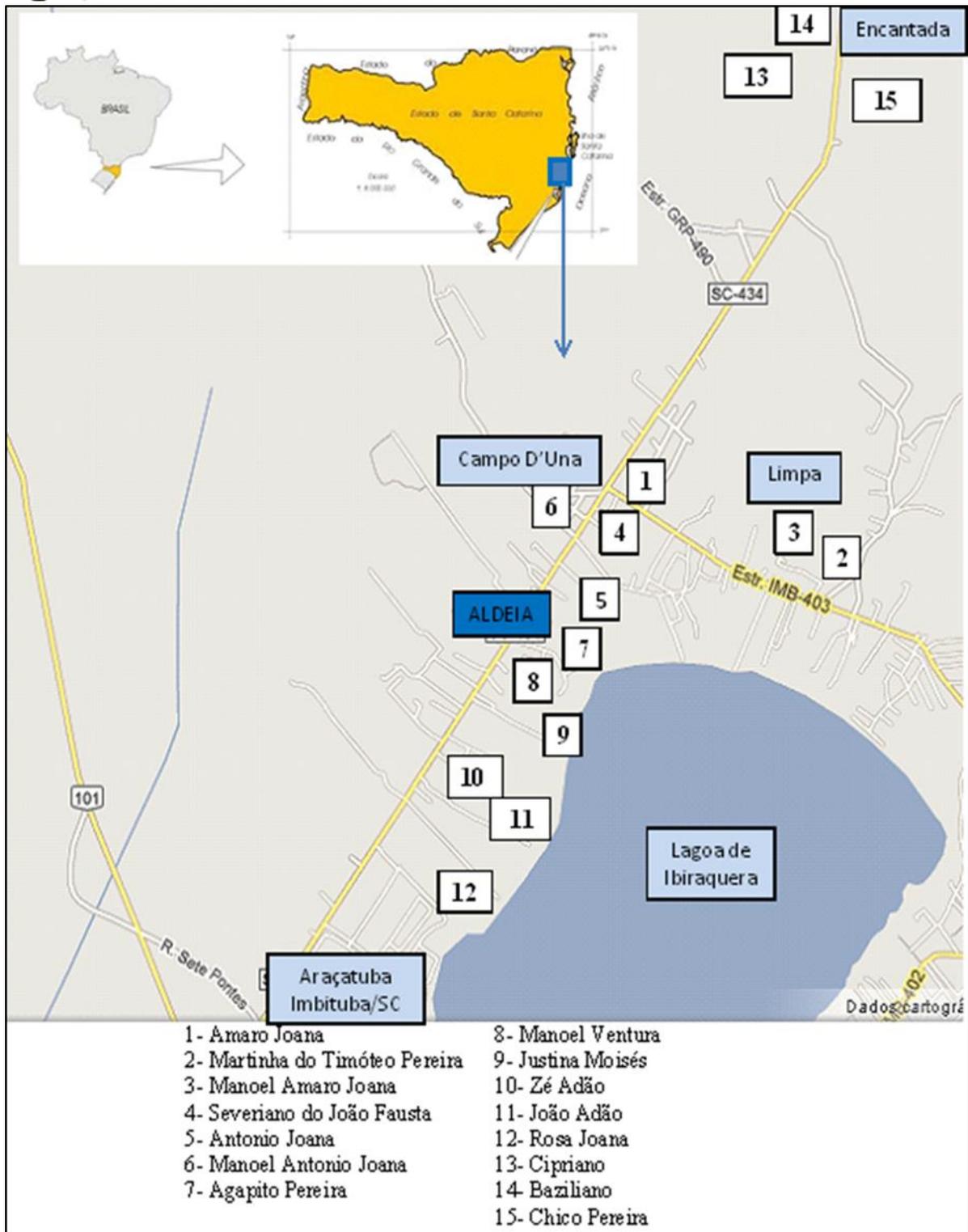


Figura 1: Mapa das atuais comunidades de Aldeia, Campo D'Una, Limpa, Encantada e Araçatuba, por volta de 1950, com destaque para as famílias negras, conforme informações do Sr. Laudelino Antônio Teixeira (78 anos).

Fonte: Guia mais mapas.

Disponível em: <<http://mapas.guiamais.com.br/guia-de-bairros/garopaba-Garopaba-SC>>.

Acesso em 26 ago. 2012. Edição da autora.

Parte-se da premissa que a procedência da população da Aldeia resulta da junção desses moradores dos arredores. O Senhor Laudelino Antônio Teixeira deixa claro em seu depoimento que, “A Comunidade da Aldeia se originou dos pretos libertos que foram morar naquelas terras. Uns foram através de casamentos, outros por laços consanguíneos e assim por diante”<sup>29</sup>. Questionou-se, então, o porquê dos afro-brasileiros terem escolhido as terras da Aldeia e não as terras da Limpa ou Araçatuba, sendo que toda essa região – do Campo D’Una até Araçatuba – era considerada como terras devolutas.

Nos campos da Limpa havia muita água, era um banhado e se tornava difícil para a produção da lavoura, criação dos animais, como porco, galinhas, bois e para construir suas casas e o acesso era difícil. Já nos campos do Araçatuba as terras eram muito áridas, dificultando a produção da agricultura. A Aldeia seria o lugar ideal para construir seu povoado, em primeiro lugar se localiza atrás da lagoa da Ibiraquera, facilitando o acesso à pesca. As terras eram produtivas, o terreno era forte e seco, próprio para a lavoura. Outro ponto importante é que nas proximidades tinha uma fonte de água boa para lavar roupas e até buscar água para beber<sup>30</sup>.

Partindo da perspectiva da importância da terra a Comunidade da Aldeia, bem como outras Comunidades Quilombolas brasileiras, têm cuidado e sentimento de pertencimento a terra em que vivem, pois é um dos poucos bens desses habitantes e que por muito tempo garantiu a sobrevivência do grupo. Para os moradores da Aldeia a posse da terra constitui um aspecto fortemente ligado aos laços familiares e as relações responsáveis pela permanência dos familiares na localidade.

A questão do pertencimento da terra para a comunidade da Aldeia está imbricada a raiz de seus ancestrais. Segundo o relato do Senhor Fortunato Pereira, 66 anos, “Foi nesta terra que a comunidade conseguiu construir suas casas, criar seus filhos e foi nesta lagoa que a comunidade garantiu o sustento dessas famílias”<sup>31</sup>. Essa forma de cuidar da terra, o respeito e esse pertencimento também são posturas comuns encontradas em outras Comunidades Quilombolas. Lembrando que os moradores da

---

<sup>29</sup>Entrevista realizada na residência do Senhor Laudelino Antônio Teixeira, à Rua Geral do Ouvidor, Limpa, Garopaba/SC, em 24/08/2012.

<sup>30</sup>Entrevista realizada na residência do Senhor Laudelino Antônio Teixeira, à Rua Geral do Ouvidor, Limpa, Garopaba/SC, em 24/08/2012.

<sup>31</sup>Entrevista realizada na residência do Sr. Fortunato Pereira, na Comunidade de Aldeia – Campo D’Una – Garopaba - SC, 25/08/2012.

Aldeia têm apreço pela terra e pelos familiares, já que estes representam suas identidades.

A cultura do parentesco e da continuidade familiar estabelece relações hierarquizadas e ritualizadas, sob a autoridade dos mais velhos, no caso da Aldeia, atualmente, a Senhora Adelaide – matriarca do grupo. Tal comportamento permite a continuidade dos costumes e das tradições dos seus ancestrais. Nessa perspectiva, a memória compõe um celeiro de lembranças e reminiscências, “um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”<sup>32</sup>. Estes fragmentos de lembranças e recordações aos quais somos capazes de registrar estavam inseridos na memória daqueles indivíduos que vivem e viveram na Comunidade Quilombola da Aldeia.

Para conhecer as vivências dos moradores da Comunidade Quilombola da Aldeia utilizamos a história oral: caminho e fio que nos conduz pelas tramas da memória e das experiências de vida em um espaço no qual a predomina a oralidade. Nessa perspectiva, a memória constitui-se como elemento de significativa importância para a reconstituição do processo histórico desses remanescentes; é o sujeito que lembra, escreve com base nos depoimentos e relatos dos moradores da comunidade negra e da comunidade do entorno, se construirá o enredo da narrativa referente às questões do cotidiano e processo de identificação dos Quilombolas da Comunidade da Aldeia. Sendo assim, suas características culturais permitem que os mesmos se reconheçam, como remanescentes de Quilombo, considerando o estilo de vida, a escolarização, as festividades e as experiências vivenciadas por eles e seus ancestrais.

No entanto, a história desse grupo é diferenciada pela sua conjuntura e organização, mas, ao mesmo tempo se assemelha à história de muitas outras Comunidades Quilombolas distribuída pelo Brasil, que lutam por direitos, em particular pelo direito a terra em que habitam, por suas identificações, reconhecimento e melhores condições de vida. A semelhança dos Quilombos contemporâneos brasileiros citados acima se refere às comunidades rurais negras que reúnem descendentes de cativos vivendo da cultura de subsistência e que suas manifestações culturais têm forte vínculo com o passado ancestral, vínculo este escolhido pelos moradores como forma de manter a identidade e identificação do grupo.

---

<sup>32</sup>BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 11 ed. Companhia das Letras: 2004, p. 39.

Ou seja, a identificação dessa comunidade pode ser percebida enquanto como um processo que culmina na identidade em si. Então, pode-se compreender que na modernidade tardia a identificação pode ‘acontecer’ em várias instâncias e com várias coisas diferentes, possibilitando assim com que a identidade seja móvel, fluída, múltipla e que possa mudar, sem fronteiras.

Foi a partir de 2002 que a Comunidade de Remanescentes de Quilombo da Aldeia passou a perceber que era detentora de uma cultura própria, principalmente nos costumes, tradições e nas festividades. Ou seja, seus moradores eram detentores de um patrimônio cultural rico e valoroso, porém passava despercebido por eles. “Nenhum povo se desenvolveu unicamente a partir do exterior. Se ele se desenvolve, é porque extraem de si mesmo os elementos do seu próprio desenvolvimento”<sup>33</sup>. Assim, entre 2002 e 2008 a Comunidade Quilombola da Aldeia passou a colocar suas experiências e atividades em prática valorizando sua cultura e priorizando suas raízes africanas.

Acerca do reconhecimento e da construção dessa identidade Quilombola se atribui as características específicas de diferentes grupos sociais, principalmente os das Comunidades Quilombolas em diferentes partes do Brasil, que nesse período já se encontravam reconhecidas ou em processo de reconhecimento. Nesse contexto de luta, a Comunidade Quilombola da Aldeia sentiu a necessidade do reconhecimento e a construção identitária do grupo, pois estavam presenciando e sentindo que os estilos de vida e formas de ver o mundo estavam imbricados nas experiências vivenciadas por eles e seus ancestrais.

Quando a comunidade se ‘descobre’ enquanto Remanescente de Quilombo passa, inclusive, a questionar as práticas educativas que por anos seguidos excluíram grande parte dos jovens da comunidade do ensino regular. O próprio grupo passou a pensar na possibilidade de haver uma educação voltada para sua realidade e seus interesses, já que passava a se ver como segmento merecedor de mais e melhores oportunidades de ensino. É nesse momento que surge como “horizonte de expectativa” a Educação Quilombola.

No contexto brasileiro, cuja educação arrasta uma história racista e excludente é imperativo que a escola redimensione suas estratégias e volte-se para o atendimento

---

<sup>33</sup> KI-ZERBO. Joseph. *Para Quando a África?* Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, p. 149.

da ampla gama de diversidade existente. No entanto, ainda urgem certas questões: O Quilombo existe? Qual o envolvimento com a escola? A escola trabalha a identidade Quilombola? Em outras palavras: os Quilombolas têm oportunidade de vivenciar na escola regular debates acerca da cultura afro-brasileira ou tal situação só existe na legislação?

É importante repensar o papel da escola como fonte de afirmação de identidades, a luz da experiência dos Quilombos contemporâneos. Considero um desafio desenvolver, na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro, por meio de um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens e se reconhecer como brasileiro<sup>34</sup>.

A luta dos moradores do Quilombo Aldeia tornou-se mais organizada a partir da inserção de seus membros no Movimento Negro Unificado – MNU. O MNU promove atividades focadas na luta pelo reconhecimento do direito ao território por meio da certificação do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Em 2006 foi formada a ‘Associação Remanescente do Quilombo Aldeia’ facilitando a participação da comunidade bem como sua representação junto aos movimentos sociais e políticos. Tal associação se organiza com base em um Manifesto Quilombola organizado pelo grupo em 2010, que orienta suas ações, levando em conta, substancialmente, três princípios:

- Princípio da Oralidade: a tradição oral é muito forte entre os africanos, assim, ainda hoje, os Quilombolas têm a oralidade como aliada na manutenção de sua cultura e construção de sua identidade.
- Princípio da Coletividade: é o reconhecimento das especificidades e diferenças nas relações deste grupo étnico com ele mesmo, com o outro e com a natureza;
- Princípio da Sustentabilidade Ambiental: o espírito de preservação da natureza tem origem no significado de território enquanto espaço geográfico, cultural de uso coletivo.<sup>35</sup>

Por conta das ações exercidas por movimentos tal qual o MNU, foi implementado na comunidade, no ano de 2006, o programa “Saberes da Terra”, trazendo um novo olhar dos sujeitos envolvidos em relação ao meio ambiente e ao território. Na verdade, o ‘Saberes da Terra’, caracteriza-se como educação no campo

---

<sup>34</sup> MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2 ed. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008, p. 65.

<sup>35</sup> LEMOS, Edinet; LEMOS Reginaldo; SOUZA, Anselmo Moraes; PEREIRA, Manoel dos Passos Matias. et al. *Manifesto Quilombola. Garopaba/SC – Quilombo Aldeia*: Centro de Educação Quilombola Celecina de Jesus, 2010, p. 3.

para os Quilombolas, na perspectiva de resgatar outra história, possibilitando aos negros um ensino africanizado, como se pode constatar no Manifesto Quilombola:

[...] durante muito tempo coube à escola “ensinar” que a integração racial no Brasil ocorreu de maneira pacífica e “espontânea”. Na verdade nós educadores Quilombolas nos empenhamos em resgatar “a outra história” aquela não oficial e pouco contada que busca reconstituir, de fato, as origens da terra brasileira<sup>36</sup>.

Nesse viés, cabe ainda destacar:

Assim, a educação do campo deve compreender que os sujeitos têm história, participam de lutas sociais, têm nome e rostos, gêneros, raças, etnias e gerações diferenciadas. O que significa que a educação precisa levar em conta as pessoas e os conhecimentos que estas possuem<sup>37</sup>.

A Educação Quilombola é resultado de ações que procuram garantir as comunidades negras direitos já assegurados pela Constituição Federal, em especial, no artigo 68: “Aos remanescentes das comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”<sup>38</sup>.

Evidentemente, o reconhecimento dos territórios Quilombolas depende de uma série de ações governamentais, destacando-se, as voltadas para a educação, tal qual a Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB - 9.394 / 1996), incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, além de outras providências, prevendo, especificamente, no caput do artigo 26-A que, “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”<sup>39</sup>.

Contudo, os moradores do Quilombo Aldeia estão cada vez mais fortes em termos de identidade, se organizando e reivindicando o que consideram como seus direitos. Destaca-se a inserção de afro-brasileiros nas universidades públicas de Santa

---

<sup>36</sup> LEMOS, Edinet; LEMOS Reginaldo; SOUZA, Anselmo Moraes; PEREIRA, Manoel dos Passos Matias. et al. *Manifesto Quilombola. Garopaba/SC – Quilombo Aldeia*: Centro de Educação Quilombola Celecina de Jesus, 2010, p. 5.

<sup>37</sup> BRASIL. *Ministério da Educação. Saberes da Terra: Programa nacional de Educação de jovens e adultos integrada com a qualificação social e profissional para agricultores (as)*. Brasília out. 2005, p. 17.

<sup>38</sup> BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1998.

<sup>39</sup> BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: SECAD/ME, 2004.

Catarina, tal qual Camila Pereira de Oliveira, 18 anos, que acaba de ingressar no curso de Direito da UFSC, um marco substancialmente importante para o grupo. Bisneta de ‘Vó Cilóca’, Camila serve como exemplo positivo para os adolescentes e jovens da comunidade. Ou seja, oportunizar aos jovens Quilombolas construir seu futuro, constitui, pois, um desafio que requer ações educativas articuladas. Trata-se de lhes oferecer um contraponto que permita ressignificar suas experiências, mostrar suas habilidades e importância social.

Outro importante acontecimento para os moradores do Quilombo da Aldeia foi à construção de casas populares para aqueles que viviam em condições pouco confortáveis em suas moradias. As pequenas casas de madeira e até de chão batido foram substituídas por casas de alvenaria. Interessante relatar que os beneficiados pelas casas têm bem claro que isso não é uma esmola, mas um pequeno reparo pelos anos de exploração e desprezo. Um morador local desabafou: “o governo não está fazendo mais que a sua obrigação. Essa é uma dívida muito grande que ele tem com a gente”.

Assim, a comunidade da Aldeia começa a escrever sua outra história. Uma história rica culturalmente e que vem se tornando motivo de orgulho não só para seus moradores como também para as comunidades envolvidas. Buscou-se, portanto, compreender e verificar as formas de interação entre o grupo e as comunidades do entorno, bem como a organização interna do mesmo.

Além disso, procurou-se perceber as sutilezas do reconhecimento e o balizamento de fronteiras e sua relação com a afirmação da identidade afro-brasileira no contexto das relações políticas, sociais e hierárquicas. Assim, encontra-se a visão de uma história construída a partir das lutas sociais e da interação entre culturas. O estímulo para a realização de estudos dessa categoria emerge da possibilidade de poder narrar à história de nossos pares, a história que nos circunda e enche nossa vida de sentidos. Conhecer a história das Comunidades Quilombolas nos permite conhecer melhor a história do Brasil e de nós mesmos.

## Referências

ARRUTI, José Maurício. *Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola*. Bauru: Edusc, 2006.

BARROS, José D' Assunção. *A construção social da cor: Diferenças e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 11 ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTUNG, Miriam Furtado. *Nascidos na fortuna - o grupo do Fortunato: identidade e relações Inter étnicas entre descendentes de africanos e europeus no litoral Catarinense*. 1992. v, 213f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas.

KI-ZERBO, Joseph. *Para Quando a África?* Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, p. 149.

LEITE, Ilka Boaventura. *Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas*. Textos e Debates, Florianópolis: NUER/UFSC, n. 7. 2000.

LEMONS, Edinet; LEMONS Reginaldo; SOUZA, Anselmo Moraes; PEREIRA, Manoel dos Passos Matias. et al. *Manifesto Quilombola. Garopaba/SC – Quilombo Aldeia*: Centro de Educação Quilombola Celecina de Jesus, 2010.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2 ed. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor Editor, 2002.

POLLAK, Memória e identidade Social. *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro. Vol. 5 n. 10 1992, p. 200 – 212.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, V. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

*Recebido em julho de 2013*  
*Aprovado em setembro de 2013*